

III SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

23 de Novembro de 2013

COMPORTAMENTALISMO RADICAL E FEMINISMO: INTERLOCUÇÕES ENTRE O MODELO DE SELEÇÃO PELAS CONSEQUÊNCIAS E A PROBLEMATICA DO GÊNERO

Emanuelle Castaldelli Silva (Departamento de Psicologia, Universidade Estadual de Maringá);
Carolina Laurenti (Departamento de Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Laboratório de
Filosofia e Metodologia da Psicologia).

contato: emmanuellects@hotmail.com

Palavras-chave: Modelo de seleção pelas consequências. Feminismos radical e cultural radical. Gênero.

Em tempos hodiernos, o termo “feminismo” refere-se ao movimento feminino e à tentativa de fortalecer o papel social da mulher (HEYWOOD, 2010; VICENT, 1995). Não obstante, em seu prelúdio, a palavra “feminista” era de cunho médico, utilizada para descrever a feminização de homens e a masculinização de mulheres. O termo “feminismo” assumiria seu caráter político somente no século XX e se tornaria usual a partir da década de 1960 (HEYWOOD, 2010). O feminismo é uma ideologia assinalada por uma pluralidade de perspectivas políticas, muitas vezes antagônicas entre si, o que viabilizou o engendramento de ideologias políticas híbridas – derivadas, em sua maioria, de teorias e/ou ideologias já fundadas, como o socialismo marxista e o liberalismo. Embora existam dificuldades para categorizar as principais correntes do feminismo, destacam-se três principais: feminismo liberal, feminismo socialista e feminismo radical. Entretanto, além dessas, há também o feminismo pós-moderno (francês), o feminismo psicanalítico, o feminismo negro, o eco feminismo, entre outros (HEYWOOD, 2010; VICENT, 1995).

O surgimento do termo “feminismo” não é simultâneo à origem do movimento feminista, pois algumas ideias feministas são encontradas desde as civilizações antigas da Grécia e da China. Em um momento ulterior a essas ideias, Christine Pisan narrou os feitos de mulheres célebres do passado em sua obra *A cidade das mulheres*, publicada em 1405 (HEYWOOD, 2010). Apesar dessas manifestações de ideias feministas, um movimento feminino organizado irrompeu somente no século XIX, com a publicação, em 1792, de *Em defesa dos direitos da mulher*, da feminista liberal Mary Wollstonecraft. Em meados do mesmo século, durante o período conhecido como “primeira onda” feminista, a campanha pelo sufrágio (direito ao voto) feminino tornou-se o escopo do movimento feminista, pois se admitia que se as mulheres adquirissem direitos legais e políticos, todas as outras formas de preconceito sexual seriam eliminadas (HEYWOOD, 2010; VICENT, 1995).

III SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

23 de Novembro de 2013

A “primeira onda” feminista teve seu fim em 1893 com a conquista do sufrágio feminino, assegurado pela primeira vez na Nova Zelândia. Argumenta-se que a conquista do sufrágio feminino foi responsável pela fragilização do movimento feminista, pois ele era um objetivo comum a todo movimento. A datar desse momento, as atividades do movimento feminino cessariam até 1960, com o advento da “segunda onda” – cujo início foi marcado pela publicação de *Mística feminina*, de Betty Friedan (HEYWOOD, 2010; VICENT, 1995).

A “segunda onda” feminista distinguia-se da “primeira onda” pelo fato de que foi além de ideologias já consagradas para construir sua teoria. Essa geração atribuiu menor importância à conquista dos direitos legais e políticos e, nesse sentido, elegeu o gênero e as dimensões de gênero como desígnios. Foi durante a “segunda onda” que as feministas radicais surgiram. A ascensão do feminismo radical foi um imperativo na proclamação da importância política das divisões de gênero e no abandono da ideia de que o feminismo era um subgrupo derivado de outras ideologias (HEYWOOD, 2010; VICENT, 1995). Embora as teorias feministas apresentem diversas características destoantes entre si, há alguns temas que são comuns a todas elas, a saber: a separação entre o público e o privado, patriarcado, sexo e gênero e igualdade e diferença.

Neste trabalho, o enfoque recairá sobre o gênero, visto que ele é uma categoria que provoca debates entre as próprias feministas e é o maior responsável pela segregação desse movimento. Tendo essa categoria como horizonte, este trabalho privilegiará duas teorias: o feminismo radical e o feminismo cultural radical (uma derivação do feminismo radical). Essas teorias foram escolhidas como escopo, pois além de primar pela categoria do gênero, apresentam posicionamentos diferentes entre si e entre as demais correntes feministas. No tocante ao feminismo radical, a natureza humana é andrógina, pois todos os seres humanos, independentemente do sexo, herdam genes de um pai e de uma mãe e, por consequência, personalizam atributos masculinos e femininos. As adeptas do feminismo cultural radical, por sua vez, sugerem que há diferenças essenciais entre homens e mulheres – em epítome, os fatores biológicos determinam características sociais e culturais (HEYWOOD, 2010).

Para aproximar a filosofia de Skinner aos fundamentos do feminismo, faz-se necessário diferenciar o comportamentalismo watsoniano do comportamentalismo skinneriano, pois diversas correntes femininas alegaram que, para construir uma verdadeira teoria feminista, deveríamos romper com os paradigmas e teorias produtos de uma tradição

III SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

23 de Novembro de 2013

masculina tradicional – responsável por manter as contribuições da psicologia (e das demais ciências) desvalorizadas (HEYWOOD, 2012; RUIZ, 1995; VICENT, 1995).

Segundo Ruiz (1995), o impacto das diferentes escolas feministas sobre as disciplinas fez com que a psicologia dirigisse suas críticas para as limitações existentes nas abordagens psicológicas tradicionais. O comportamentalismo encontra-se entre os modelos tradicionais que atraíram as principais críticas feministas. Desse modo, a formulação de pressupostos para justapor o comportamentalismo contemporâneo às correntes feministas implica no reconhecimento de que o comportamentalismo não é um modelo psicológico monolítico, ou seja, há diversos modelos de comportamentalismo (RUIZ, 1995). Dentre os modelos de comportamentalismo, frisaremos os modelos skinneriano e watsoniano, visto que eles são comumente sobrepostos de maneira errônea, provocando uma universalização dos pressupostos filosóficos sondados por ambas as teorias.

Em seu modelo comportamental, Watson incluiu no campo científico unidades essencialistas de estímulo-resposta, as quais ele definiu como elementos fundamentais das interações comportamento-ambiente. No comportamentalismo clássico, relações causais entre estímulo e resposta são estabelecidas por um processo linear do estímulo à resposta. A visão de mundo do modelo comportamental de Watson é, portanto, mecanicista – o organismo é redutível às suas partes –, ou seja, considera-se que cada parte do organismo atua independentemente do seu relacionamento com outras partes. A epistemologia da teoria de Watson supõe que sujeito do conhecimento (o cientista – observador) e objeto do conhecimento (aquilo que é observado) ocupam locais diferentes no campo científico. Destarte, na perspectiva de Watson, o cientista só é capaz de conhecer uma cópia do mundo e a validade dessa cópia é medida pela correspondência entre as cópias de conhecedores independentes (RUIZ, 1995).

O comportamentalismo radical de Skinner, por seu turno, apresenta uma visão de mundo contextualista, que sugere que o significado de um comportamento em um contexto atual deriva de um contexto passado e de uma história pessoal: um ato desprovido de contexto não tem significado e, por regra, não pode ser categorizado como um ato. De acordo com os contextualistas, os organismos são básicos e primários e as partes que os compõem não podem ser analisadas separadamente, pois a natureza delas é relacional e significativa no que concerne às partes inseridas no todo (RUIZ, 1995).

III SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

23 de Novembro de 2013

A superação do modelo mecanicista do comportamentalismo é corroborada na proposta skinneriana de seleção pelas consequências. Esse modelo é responsável por afastar Skinner dos pressupostos mecanicistas à medida que a causalidade deixa de ser representada de modo linear. De acordo com o modelo de seleção pelas consequências, a explicação do comportamento não recai nos eventos imediatamente contíguos no espaço e no tempo, tal como na explicação mecanicista watsoniana. O comportamento é entendido como produto da conjunção de três dimensões históricas: a filogenética (que alude à história evolutiva da espécie), a ontogenética (que diz respeito à história de cada indivíduo) e a cultural (que remete ao conjunto de práticas culturais). Nesse sentido, a explicação do comportamento é histórica; ela não alude a ocorrências imediatamente antecedentes, mas a um longo e complexo processo histórico de seleção pelas consequências. O mesmo raciocínio se aplica à subjetividade: a singularidade humana expressa em suas múltiplas facetas, corporal, afetiva, volitiva, cognitiva é entendida, na perspectiva skinneriana, como uma intersecção única dessas várias dimensões históricas (ANDERY, 1993; SKINNER, 1981).

Assim, a explicação plural e complexa do comportamento humano dada pelo modelo de seleção pelas consequências skinneriano pode lançar luz sobre a problemática do gênero no feminismo ao debater com algumas concepções usuais, como a de que só há duas opções em relação aos nossos valores sexuais: ou eles são inatos a nós, ou nós os escolhemos (MALOTT, 1996). Além disso, o pensamento complexo subjacente ao modelo selecionista pode ajudar a esclarecer algumas polêmicas relacionadas ao gênero, que polarizam as discussões na díade biológico *versus* cultural, situando a questão dos papéis sociais de homens e mulheres em um desses polos, subscrevendo, portanto, um pensamento dicotômico.

Por conseguinte, a proposta deste trabalho é estabelecer um diálogo virtuoso entre a filosofia skinneriana e a problemática do gênero no feminismo e inserir a Análise do Comportamento em debates sobre questões sociais, aferindo suas potencialidades e limites no tratamento de temáticas contemporâneas dessa natureza. Com efeito, o contato com as reflexões feministas pode ajudar a expor aspectos até então não explorados no comportamentalismo radical. Por outro lado, as discussões feministas poderiam ganhar com um diálogo com a psicologia, e, quiçá, com a Análise do Comportamento, na medida em que essa última defende uma visão de homem plural e complexo.

O objetivo deste trabalho, portanto, é estabelecer relações entre o modelo skinneriano de seleção pelas consequências e os feminismos radical e cultural radical. Para tanto, esta

III SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

23 de Novembro de 2013

pesquisa, de natureza conceitual, será dividida em três etapas: 1) investigação do modelo skinneriano de seleção pelas consequências; 2) descrição dos feminismos radical e cultural radical e 3) análise das possíveis relações entre comportamentalismo radical e os feminismos radical e cultural radical. A literatura skinneriana será examinada por meio do método conceitual-estrutural de Lopes e Laurenti (2010), que é composto por quatro etapas, interdependentes entre si. As etapas são: I) levantamento dos principais conceitos e categorias do texto; II) caracterização das teses do texto; III) elaboração de esquemas e IV) elaboração de resumos com base nas etapas anteriores. A compilação das informações dos textos feministas será feita por meio de tabela comparativa, a fim de diferenciar os feminismos radical e cultural radical nos temas candentes da teoria feminista. Com base nesses resumos, será elaborado um intertexto com propósito de coordenar as análises efetuadas para responder à problemática de pesquisa. Espera-se que, com este estudo, as teorias feministas e o comportamentalismo radical unam-se em um discurso inaudito, capaz de trazer contribuições para ambas as teorias.

Referências

- ANDERY, M. A. O modelo de seleção pelas consequências e a subjetividade. In: BANACO, R. A. (Org.). **Sobre comportamento e cognição: aspectos teóricos, metodológicos e de formação em análise do comportamento e terapia cognitivista**. São Paulo: ARBytes, 1997. p. 199-208.
- HEYWOOD, A. Feminismo. In:_____ **Ideologias políticas: do feminismo ao multiculturalismo**. São Paulo: Ática, 2010. p. 21-43, v. 2.
- LOPES, C. E.; LAURENTI, C. **Método de análise conceitual-estrutural de texto**. Universidade Estadual de Maringá, 2010. 3 p. Apostila.
- MALOTT, R. W. A behavior-analytic view of sexuality, transsexuality, homosexuality, and heterosexuality. **Behavior and Social Issues**. Western Michigan University, v. 6, n. 2, p. 127-140, 1996.
- RUIZ, M. R. B. F. Skinner's radical behaviorism: historical misconstructions and grounds for feminist reconstructions. **Behavior and Social Issues**, Cambridge, v. 5, n. 2, p. 29-44, 1995.
- SKINNER, B. F. Selection by consequences. *Science*, v. 213, n. 4507, p. 501-504, Jul. 31, 1981.
- VICENT, A. Feminismo. In:_____ **Ideologias políticas modernas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995. p. 175-208.